'O crepúsculo do macho': a vida no exílio, por Fernando Gabeira

ANY BOURRIER
Correspondente do GLOBO em Paris
Fotos de PEDRO P. GUIMARÃES

"O crespúsculo do macho", segundo tomo da trilogia que Fernando Gabeira escreve sobre suas aventuras no exílio, já está pronto e vai ser lançado brevemente no Brasil. Será um best-seller plebiscitado pelo leitor brasileiro, como aconteceu com "O que é isto, companheiro?", pronto para ser editado na França, Estados Unidos, Alemanha. Gabeira prefere não enfrentar esta pergunta e contar que "O crepúsculo do macho" procura dar conta da experiência de um brasileiro fora do país e do choque cultural resultante do exílio na Europa, sobretudo na Suécia e Alemanha.
"O que é isto, companheiro?" terminava no momento exato em que o segundo livro da trilogia começa, isto é, nos primeiros enfrentamentos da realidade aqui longe da pátria. "São os momentos mais dramáticos, a maneira como viveram, se defenderam e escaparam do Chile aqueles que fizeram parte da depois chamada "comunidade de exilados brasileiros", explica o autor, enquanto bebe distraidamente um copo d'água mineral no café "Les deux magots", em Paris, ponto de partida de seu segundo itinerário europeu, que continuará pela Grécia, Turquia e "outros caminhos por aí". No livro, Gabeira relata minuciosamente cada uma das etapas do exílio:
— No que diz respeito a Cuba e às experiências que lá vivi — explica —, procuro mostrar até que ponto é possível ter uma posição sobre a ilha que não seja nem apologia nem hidrofobia anticomunista. É uma visão serena, redigida antes dos acontecimentos da embaixada peruana.

"Não existem livros políticos que incluam a vida diária", reclama Gabeira

A Argélia também ganhou um capítulo importante, por ter sido a primeira etapa do exílio, assim como a vida, na década de 70, na Alemanha Ocidental, onde Gabeira viveu clandestino durante um ano, trabalhando numa fábrica de calças, nas quais colocava etiquetas.

— Uma das lembranças mais profundas que tenho daquela época — confessa o autor — é o fato de roubar da fábrica duas calças por dia, o que fazia de Vera a garota mais bem vestida do prédio. Ela mudava de calça todos os dias, mas continuava maltrapilha da cintura para cima.

Os 18 capítulos, em 220 páginas, de "O crepúsculo do macho" correspondem quase sempre a um país ou cidade em que ele viveu. No Chile, onde chegou sete meses antes da queda de Allende, acompanhou atento o desenrolar da nova experiência política e da Unidade Popular, mas acabou por refugiar-se na embaixada da Suécia. Nem por isto perdeu a mania de observar e transformar suas impressões em depoimento: junto com uma diretora de cinema sueca, Fernando registrou a vida diária dos refugiados e o filme ganhou um prêmio no festival de Karlov-Vary, na Tchecoslováquia. Chamava-se "A embaixada" e seu roteiro, embora de ficção, retratava com fidelidade a angústia e o desespero dos sem pátria e sem destino.

— É claro — diz Gabeira — que o livro se estende bem mais que o filme sobre aqueles dias: Eu conto como vivíamos lá dentro, em circuito fechado, esperando uma solução diplomática para nossas existências.

Como os leitores puderam verificar em "O que é isto, companheiro", Fernando Gabeira nunca deixa de acrescentar uma pitada de humor às descrições de fatos terríveis ou até escabrosos. "O crepúsculo do macho" não escapa dos impulsos sarcásticos ou irônicos do autor, que caracteriza os dias negros que os exilados passaram na Argentina — semi-clandestinos, pois Perón não os queria — deste modo: "Assim que chegamos em Buenos Aires compramos camisas Lacoste e calças Lee. Se a *CIA* quisesse nos matar, bastava visar o jacaré."

O governo argentino não desejava ver os foragidos do Chile por perto. O diplomata que aceitou os refugiados na embaixada em *Santiago* foi removido imediatamente para o Paquistão. O destino do herói da trilogia ficou marcado desde então: Suécia, à qual Gabeira dedica o capítulo mais longo do livro, intitulado "Back to where you once belong".

ESTOCOLMO

Choque cultural, racismo, questionamento do machismo, fome, miséria, descobertas, encontros, Estocolmo ficará na lembrança do autor como a *fase* mais decisiva, no qual semeou e começaram a nascer as idéias hoje qualificadas de "gabeiristas", adjetivo que ele recusa. Liquidar os resquícios de comportamento machista era um projeto que Gabeira tinha desde Cuba, onde o encontro com feministas e militantes dos "Weathermen" americanos foi fundamental.

— *Foi aí* que começaram a surgir dúvidas em minha cabeça — confessa Fernando.

Foi lá também que ele conheceu os personagens mais cômicos que aparecem no texto, o grupo dos "Aviadores do Brasil", fãs de Che Guevara, seqüestradores de um avião num dia 8 de outubro, em honra ao ídolo.

"Mal imaginavam eles — conta — que Cuba estava farta de seqüestradores de avião. Eles achavam que eram heróis pela maneira como entraram na ilha, ignorando que Fidel temia serem os seqüestros uma maneira de introduzir espiões em seu território. Os garotos se enganaram em outras coisas. Leram Trotsky e achavam que na ilha todos eram trotsquistas. Trabalhavam numa pedreira e decidiram construir um monumento para Trotsky. Os cubanos desconfiaram que fossem da CIA e os mandaram embora. Encontrei-os saltando as barreiras do metrô de Paris, anos mais tarde. Gritei por eles, saíram correndo, temendo que eu fosse o fiscal e quando consegui pegá-los não pude resistir e comentei: puxa, garotos, só encontro vocês em pleno vôo"

Mas foi na Suécia também que as dificuldades se tornaram maiores. Dificuldade de adaptação, problemas com a língua. Um exemplo: "Organizaram festa no Natal para que as famílias suecas escolhessem exilados que adotariam depois. Eram todos pessoas solitárias e preocupavam-se em nos ensinar como funcionam as privadas, como puxar a descarga, imaginavam que não soubéssemos estas coisas."

Gabeira admite que encontrou na sociedade sueca "um romantismo revolucionário dos anos 60 que nós já tínhamos superado. Houve portanto um período de ajustamento das fantasias nossas e deles. Nós, por exemplo, tivemos que nos acostumar com o suicídio, ao qual eles estão habituados há muito tempo. Para eles, o suicídio é comum mas para nós foi chocante. Quando aconteceu o primeiro em nosso círculo, ficamos uns grudados nos outros, atemorizados".

A DESCOBERTA

O capítulo mais pessoal de "O crepúsculo do macho" conta a evolução do autor: "Em termos políticos, percebi na Suécia que estávamos interiorizando a derrota do continente. Eu estudava de 12 a 14 horas por dia. Passava grande parte do meu tempo lendo filosofia em alemão, o que demonstra como andava minha cuca. Havia também resquícios de paranóia. No dia em que surgiu em minha casa a figura do Marinho, mulato, brasileiro, desconhecido, pensei que fosse a polícia. Só depois, quando vi que usava brinco, é que compreendi ser alguém muito diferente. Nesta época começaram também os contatos com gente que não pertencia à esquerda e que nos ensinaram a viver de outra maneira: negros, homosexuais".

— Macunaíma — conta Gabeira —, que aparece no livro, era um preto do Maranhão que vive na Rússia e só falava russo. Enquanto esteve em minha casa deu para compreender que tipo de problemas enfrenta um homem de cor, que vida é a deles. Estas coisas não tinham ficado claras na minha militância, a problemática das mulheres, dos marginais. Depois comecei a me interessar por problemas específicos da sociedade sueca, como o aborto, que é legal lá mas contra o qual há uma pressão social imensa, que coloca as mulheres numa situação de culpabilidade muito grande.

Do ponto de vista formal, Gabeira considera que "O crepúsculo do macho" significa uma grande evolução:

— Sinto-me mais seguro. O sucesso do primeiro livro, a recepção que está tendo também aqui no exterior, com futura edição nos Estados Unidos, são muito encorajadores.

"O crepúsculo do macho" só tem, por enquanto, um problema comercial para lançamento imediato: "O que é isto companheiro?" há 25 semanas nas paradas de sucessos, ainda não se esgotou em termos de venda. Mas Fernando Gabeira garante que prefere perder dinheiro de imediato, desde que "possa tumultuar o mundo das idéias um pouco. A questão comercial não é a mais importante, o que me interessa é que a edição seja bem cuidada".

No futuro, Gabeira pretende atingir setores ainda não vinculados ao mercado do livro.

— No Brasil — diz ele — o mercado de m música popular é superior ao dos livros. Quero penetrar neste mercado, abrir possibilidades nele e provocar a demanda de leitura junto ao pessoal que compra discos. Hoje, poucos são os livros que se referem ao cotidiano. Não existem livros políticos que incluam também a vida diária. Este campo, o da polêmica, ainda está por se abrir no Brasil. Meu projeto é sensibilizar a juventude brasileira, uma das mais evoluídas do mundo, da mesma maneira que isto é feito através dos discos, da música. É claro que existe tendência maior a consumir música, mas o desequilíbrio entre o interesse do jovem brasileiro pelo disco e pelo livro pode ser bem atenuado. No Brasil, o pessoal partiu para a linguagem visual e deixou de lado a verbal. Seria possível recuperá-los um pouco? Este debate me interessa e os autores jovens poderiam participar também.

Gabeira se despede, pega o casaco e sai caminhando pelo Boulevard Saint Germain, antes de fazer a mala e sair, andarilho, pelo mundo. Até breve, companheiro.

cannes

Isabelle Huppert, três vezes estrela, em busca da consagração

CANNES (O GLOBO) — O 33.º Festival de Cinema de Cannes marcou a consagração definitiva da atriz francesa Isabelle Huppert, que pode aspirar à Palma de Ouro para o melhor desempenho feminino. Num fato sem precedentes durante os 38 anos de história do festival, ela participa, como protagonista, de três filmes concorrentes: "Les héritiers", de Marta Meszaros; "Sauve qui peut la vie", de Jean-Luc Godard; e "Lulu", de Maurice Pialat.
Para o prêmio de melhor filme, um dos mais sérios concorrentes parece ser "All that jazz", sedutora comédia musical do americano Bob Fosse que é, ao mesmo tempo, uma reflexão sobre a morte. Outro bastante cotado é "Lightning over water" (Relâmpago sobre a água), apresentado ontem e dirigido pelo também americano Nicholas Ray. O filme trata de sua própria confecção e o principal personagem não é outro senão o diretor, no papel de um homem que vê chegar a morte e quer transformá-la numa emocionante verdade.
Uma das revelações deste festival é o cinema das Filipinas, que concorre com "Jaguar", do diretor Lino Brocka. O filme mostra as conseqüências do contato entre uma pessoa honrada e a máfia dos clubes noturnos e dos tóxicos.

O ator Robert Sacchi, sósia de Humphrey Bogart, fez sucesso ontem ao chegar a Cannes

●●●

Isabelle Huppert estreou no Festival de Cannes em 1975 com "Aloïsa" e reapareceu em 1977 com "La dentellière", mas só em 1978 seu trabalho foi recompensado com a Palma de Ouro de melhor atriz por sua interpretação em "Violette Nozière".

— Este prêmio — lembra ela — marcou um rumo definitivo em minha carreira, pois abriu-se as portas para trabalhar em "Les soeurs Bronte" e em "Viagem ao fim do inferno".

Foi também a partir desse momento que Mauro Bolognini manifestou seu interesse em que ela participasse de "A Dama das Camélias", filme que o diretor rodará na Itália até meados de junho. Talvez por esta razão, durante os últimos meses Isabelle Huppert transformou-se na atriz mais famosa e mais cotada do cinema francês, a ponto de ofuscar o prestígio de Annie Girardot e Simone Signoret.

Ao longo dos últimos 18 meses, ela protagonizou seis filmes, três dos quais são os selecionados pelo rigoroso júri do festival de Cannes para participar da mostra oficial. Para Isabelle, entretanto, este recorde sem precedentes não constitui "uma consagração, mas o início de uma carreira cheia de possibilidades".

— Com cada um desses três filmes — diz ela — houve uma experiência diferente nos planos cinematográfico e humano. Com Godard, por exemplo, foi a primeira vez que ele dirigiu uma história em termos convencionais e, acima de tudo, uma história de amor. "Lulu", ao contrário, é o relato minucioso da frustração de um casal jovem, enquanto que "Les héritiers" é talvez o episódio mais comovente, pois reproduz a história de uma costureira judia de Budapeste que, em 1936, trabalha para a família de um oficial fascista, cuja mulher recorre a todos os artifícios para ter um filho a fim de assegurar a herança de seu pai. A única forma de conseguir isso consiste em convencer a costureira a ter clandestinamente um filho que deverá em seguida dar à patroa.

— Todo este período — prossegue Isabelle — foi particularmente difícil, porque em pouco tempo tive de compor personagens completamente distintos, criar psicologias diferentes e adaptar-me a estilos de trabalho totalmente opostos.

Embora ainda não tenha estreado oficialmente em Cannes — depois de sua exibição ao júri, no sábado, dia 17, começará imediatamente a ser distribuído na América Latina — "All that jazz" está provocando uma expectativa sem precedentes no público e na crítica.

Essa expectativa se justifica pelos antecedentes do filme e do diretor Bob Fosse, que chegou à celebridade com "Cabaré" e "Lenny". O filme, por sua vez, vem a Cannes com a auréola de prestígio obtida há um mês em Hollywood, onde conquistou quatro Oscars.

Aos 52 anos, Bob Fosse é provavelmente o diretor contemporâneo que melhor domina a difícil técnica da comédia musical e dos grandes espetáculos ao estilo da Broadway, com centenas de artistas em cena.

Depois de receber um Oscar do cinema por "Cabaret" e outro da TV por "Liza com Z" — ambos interpretados por Liza Minelli — Fosse decidiu fazer um filme autobiográfico, semelhante às experiências tentadas por Federico Fellini em "Oito e meio" e Ingmar Bergman em "Todas estas mulheres".

— Como sofri três ataques cardíacos, decidi fazer uma fita que pudesse representar uma reflexão sobre a morte, mas na forma de comédia musical, com muito movimento, para atingir diversos públicos — explica o diretor.

Ele teve o primeiro ataque quando trabalhava na montagem de "Lenny" — que tem no elenco Dustin Hoffman —, que deu a Valérie Perrine o prêmio de melhor atriz do festival de Cannes em 1975. O outro veio quando preparava "Chicago", com sua ex-mulher Gwen Verdon e Chita Rivera. Há um ano e meio, foi internado pela terceira vez e conseguiu salvar milagrosamente a sua vida, depois de uma operação a coração aberto que durou cinco horas.

— Neste momento — comenta — pela primeira vez na minha vida, pensei no que poderia fazer se conseguisse sobreviver.

"Se morrer, perdão por todo o mal que lhes fiz. Se sobreviver, perdão por todo o mal que continuarei a fazer", diz, num momento do filme, o personagem principal, interpretado por Roy Schneider, que personifica Bob Fosse, apenas dissimulado atrás do coreógrafo Joe Gideon.

Para realizar este filme, Fosse inspirou-se em "Ending", um livro de Hilma Wolitzer, que narra a morte do seu marido, vítima de câncer. Como se estivesse perseguido pela desgraça, o diretor foi obrigado a interromper a adaptação do livro em razão da morte do roteirista Robert Alan Arthur, vitimado por uma crise cardíaca quando compunha o cenário de "All that jazz".

— Quando faltava apenas uma semana para iniciar as filmagens, compreendi que a história, originariamente concebida como um trabalho de análise, deprimente, e decidi modificá-la completamente para fazer uma versão mais leve, situada num contexto mais familiar, ou seja, com música, ritmo, cor e humor — explica Bob Fosse.

A sedução começa a surtir efeito a partir do primeiro minuto de "All that jazz", quando 250 bailarinos aparecem na tela ao ritmo de "On Broadway", cantada por George Benzon. Desde este instante, durante 120 minutos, Bob Fosse constrói um verdadeiro clássico musical de Hollywood — com música, danças e canções —, atravessado por algumas fugazes reflexões filosóficas.

"Deve-se saber morrer com dignidade", limitou-se a comentar Bob Fosse, quando decidiu enviar seu filme a Cannes, convencido de que regressaria com a palma de ouro.

O futuro de San Sebastian

Durante sua breve presença em Cannes, o diretor-geral de Cinematografia da Espanha, Carlos Gortari, expôs sua opinião sobre o futuro do Festival de San Sebastian:

— A Direção Geral de Cinematografia — disse ele — tem muito interesse em que esse certame continue, depois da mudança de sua categoria, decidida pela Federação Internacional de Associações de Produtores de Filmes. Nesse sentido, vamos dar-lhe mais apoio do que nunca. A única coisa que falta é a confirmação, que parece iminente, da vontade de manter o festival por parte de seus organizadores.

Segundo Gortari, as fórmulas possíveis só dependem de imaginação. Ele acredita que o fato de o Festival de San Sebastian deixar de ser competitivo não o prejudica, já que é muito difícil concorrer com Cannes — "indiscutivelmente, hoje o primeiro festival do mundo, embora não esteja isento de defeitos".

Projeto Kalunga, a música brasileira em Angola

LISBOA (O GLOBO) — Com dois espetáculos realizados no último fim-de-semana em Luanda, capital de Angola, teve início a apresentação, naquela antiga colônia portuguesa, da maior caravana artístico-musical brasileira que já atuou fora do País.

Num total de 63 pessoas, entre artistas e técnicos, o grupo é integrado por nomes famosos como Chico Buarque de Hollanda, Dorival Caymmi, Clara Nunes, Edu Lobo, Francis Hime, Martinho da Vila, D. Ivone Lara, João do Valle e o novato Djavan, representantes das mais recentes tendências da música do Brasil. Compõem ainda a caravana os conjuntos Quinteto Violado e Nosso Samba.

Os brasileiros foram a Angola a convite da União Nacional dos Trabalhadores Angolanos (UNTA) e da Secretaria de Estado da Cultura, a fim de participar das comemorações do dia 1.º de maio.

Os dois primeiros espetáculos foram feitos numa antiga praça de touros da capital angolana e no cinema "Karl Marx", lugares que conheceram no fim de semana as suas maiores lotações.

A profunda intimidade dos ritmos angolano e brasileiro tem sido realçada não só nas declarações que os artistas têm feito à imprensa mas até em algumas versões muito apreciadas de conhecidas canções angolanas, interpretadas originalmente por músicos como Ruy Mingas, Bonga e outros.

Essa identidade está na própria designação do espetáculo: "Projeto Kalunga". A palavra "Kalunga" significa "mar" e é um nome comum à mitologia popular dos dois países.

Os brasileiros encontram-se agora no sul de Angola, na cidade de Benguela, para efetuar dois espetáculos, voltam ao Brasil no dia 18.

A primeira página do Globo no primeiro dia da sua vida.

DIGA COMO VOCÊ PREFERE RECEBER SEU POSTER. (marque com um X a sua opção)

☐ Quero a Primeira Página do Globo do dia em que eu nasci.
Dia | Mês | Ano
☐ Quero a Primeira Página do Globo para presentear uma pessoa que nasceu em:
Dia | Mês | Ano
☐ Prefiro Tamanho Tablóide (formato 30 x 40) Cr$ 350,00
☐ Prefiro Tamanho Original (formato 58 X 50) Cr$ 700,00
☐ Quero ir buscar, dentro de 15 dias, na loja de Classificados do Globo da minha escolha:
Rua | nº | Bairro
☐ Quero receber pelo Reembolso Postal:
Rua | nº | apt.º | Bairro
Cidade | Estado | CEP
MEU NOME É (em letra de forma)
ASSINATURA
DATA
Envie para "O Globo Histórico" - Caixa Postal 11010 - Rio de Janeiro. Não mande dinheiro agora.
Série Primeira Página da Vida

ENDEREÇOS DAS LOJAS DOS CLASSIFICADOS DO GLOBO.
CENTRO - Rua Irineu Marinho, 35 - Av. Rio Branco, 185 - ZONA SUL - Copacabana: Rua Dias da Rocha, 9, lj. B - Ipanema: Rua Visconde de Pirajá, 156, lj. P - Flamengo: Lgo. do Machado, 29, lj. 38 - ZONA NORTE - Tijuca: Rua Conde de Bonfim, 406, lj. C - Jacarepaguá: Av. Geremário Dantas, 1200, lj. G - SUBÚRBIOS DA CENTRAL - Méier: Rua Dias da Cruz, 203, lj. 4 - Madureira: Av. Min. Edgard Romero, 224 - SUBÚRBIOS DA LEOPOLDINA - Penha: Rua José Maurício, 150 - Bonsucesso: Rua Cardoso de Morais, 115, lj. D. ESTADO DO RIO - Nova Iguaçu: Av. Amaral Peixoto, 34, lj. 4 - Niterói: Rua Cel. Gomes Machado, 118 - Petrópolis: Av. 15 de Novembro, 970, lj. 12.